

Capítulo 1: Entre Mundos

Sophie apertou o casaco ao redor do corpo enquanto caminhava pelas ruas silenciosas de Windmere. O outono era implacável naquele ano, e a brisa gelada parecia atravessar sua pele. As folhas secas se acumulavam nas calçadas, formando tapetes de tons alaranjados e dourados. A pequena cidade, com suas casas de pedra e ruas estreitas, parecia ter parado no tempo.

A vida de Sophie era tão previsível quanto aquele cenário. Aos 24 anos, ela morava sozinha em um pequeno apartamento sobre uma padaria, com o cheiro constante de pão fresco invadindo seus cômodos. Não que ela reclamasse – era um dos poucos prazeres que tinha em um dia a dia monótono.

Ela trabalhava sozinha na Biblioteca Central de Windmere, herdada por seus pais, um edifício antigo que se destacava entre as construções da cidade. Não era o emprego dos seus sonhos, mas era o mais próximo que podia chegar deles. Desde pequena, Sophie era fascinada por livros, especialmente histórias fantásticas sobre mundos mágicos e heróis improváveis. Ela tinha um desejo secreto de viver algo extraordinário, mas a realidade era outra.

Seu despertador tocava às sete da manhã, todos os dias. Ela tomava café preto, vestia roupas confortáveis e saía para trabalhar. Durante as noites, voltava para casa, cozinhava

algo simples e lia até pegar no sono. Sua única companhia era o gato da vizinha, que ocasionalmente invadia seu apartamento em busca de afeto ou restos de comida.

Apesar de amar o silêncio dos livros, Sophie sentia falta de algo que não sabia nomear. Amigos, talvez? Ela tinha conhecidos da cidade, é claro, mas ninguém com quem pudesse realmente contar. Seus pais haviam se mudado para outra cidade anos atrás, e as ligações entre eles se tornaram raras.

Em sua rotina, havia algumas interações que ela considerava um alívio. Como Clara, a filha da dona da padaria abaixo de seu apartamento, que sempre a presenteava com croissants fresquinhos, mesmo quando Sophie insistia em pagar.

— Você precisa de energia para enfrentar aqueles livros empoeirados — dizia Clara com um sorriso caloroso.

Havia também Peter, um jovem historiador que frequentava a biblioteca quase diariamente. Ele estava sempre atrás de algum manuscrito obscuro para sua pesquisa. Sophie gostava da maneira como ele falava sobre o passado, como se fosse um quebra-cabeça esperando para ser resolvido.

— E aí, Sophie? Encontrou o tomo perdido da civilização esquecida? — brincava ele.

— Não, mas achei um romance vitoriano que talvez mude sua vida — respondia ela, com um sorriso tímido.

Mas, na maioria das vezes, Sophie se sentia só. Seu trabalho era tranquilo, quase mecânico. Catalogar livros, organizar estantes, registrar empréstimos. Era o que a mantinha ocupada, mas não satisfeita. Quando olhava pela janela da biblioteca, via sua vida passar como as folhas carregadas pelo vento do outono.

Ainda assim, ela tinha sonhos. Às vezes, acordava no meio da noite com lembranças vagas de aventuras impossíveis: paisagens surreais, criaturas magníficas, sensações de perigo e liberdade. Era como se algo dentro dela pedisse para ser libertado.

Naquela tarde, Sophie estava especialmente cansada. A biblioteca estava mais movimentada do que o normal devido a um evento local. Crianças corriam entre as estantes, e adultos discutiam em voz baixa sobre o que levar para casa.

Ela estava no balcão, registrando a devolução de livros, quando Clara apareceu, trazendo um saco de pão quente.

— Você trabalha demais, menina. Precisa sair mais — disse Clara, colocando o saco na mesa.

Sophie riu.

— Estou bem assim, Clara. Mas obrigada pelo pão.

Antes que pudessem continuar a conversa, Peter entrou pela porta, carregando um sorriso travesso e uma pilha de livros.

— Sophie! Achei o volume que você disse que não existia. Acha que vou ganhar um prêmio?

— Talvez eu inscreva você no “cliente mais insistente do ano” — respondeu ela, pegando os livros.

Essas interações eram momentos de leveza em dias muitas vezes repetitivos. No entanto, naquela noite, algo diferente aconteceu.

Quando o relógio da biblioteca marcou oito da noite, todos já haviam ido embora. Sophie começou a organizar os livros deixados nas mesas. Foi então que viu um volume que não reconhecia. Era maior que os outros, com uma capa de couro escuro coberta por símbolos que pareciam pulsar sob a luz.

Ela o pegou com cuidado. O couro estava frio ao toque, e Sophie sentiu um arrepio que percorreu sua espinha. Não havia título, apenas os desenhos intrincados que pareciam formar um padrão. Ela virou as páginas lentamente, fascinada pelos diagramas. Cada página era mais complexa que a anterior, até que encontrou uma que parecia diferente.

No centro dela havia um pequeno botão cristalino. Era impossível não tocá-lo. Algo dentro de Sophie dizia para não fazer isso, mas a curiosidade venceu.

Ao pressionar o botão, o chão da biblioteca tremeu levemente. As luzes piscaram, e um som grave, como um sussurro em coro, encheu a sala. Sophie olhou ao redor, assustada, mas antes que pudesse reagir, uma das estantes começou a se mover.

O ruído de pedra raspando encheu o espaço, revelando um arco esculpido na parede. No centro do arco, um vórtice de luz girava lentamente, emanando uma energia que parecia preencher o ar. Sophie deu um passo para trás, seu coração batendo forte.

— O que é isso? — murmurou.

O portal pulsava, emitindo um brilho que lançava sombras dançantes pelas paredes. Sophie sentiu-se atraída por ele, como se fosse uma mariposa sendo puxada pela luz.

Antes que pudesse se aproximar, uma figura surgiu no centro do vórtice.

— Não atravesse!

A voz era firme e urgente. Sophie congelou, os olhos fixos no homem que agora a encarava do outro lado do portal.

O homem parecia jovem, com olhos que brilhavam como estrelas presas na escuridão. Seus traços eram marcantes, como se tivessem sido esculpidos à mão, mas havia algo em sua expressão que misturava urgência e desespero. Ele não parecia estar no mesmo plano que Sophie – sua silhueta tremeluzia como o reflexo de algo em uma superfície instável.

— Quem é você? — perguntou Sophie, a voz trêmula.

— Não importa agora. Você precisa sair daqui — disse ele, seu tom grave. — Esse portal não deveria ter sido aberto.

Sophie deu um passo para trás, mas algo no portal parecia prendê-la no lugar.

— Eu... eu só pressionei um botão. Não sabia que isso aconteceria.

O homem balançou a cabeça, como se estivesse frustrado.

— Isso é um livro de chaves. Ele não está aqui por acaso. Você foi escolhida para encontrá-lo, mas não estava pronta. Agora, tudo está em risco.

— Escolhida? Por quem? Risco de quê?

Antes que ele pudesse responder, um som reverberante encheu o espaço. Era como um rugido, profundo e primitivo, vindo do portal. Sophie sentiu os pelos de sua nuca se arrepiarem.

— Eles estão chegando. — O homem virou a cabeça rapidamente, olhando para o interior do vórtice.

— Quem está chegando? — Sophie insistiu, mas o pânico em sua voz já mostrava que temia a resposta.

O homem estendeu a mão para ela, mas sua figura tremulava como se algo o estivesse mantendo preso do outro lado.

— Ouça, você precisa fechar o portal. Agora.

— Fechar? Como eu faço isso?

Ele hesitou por um momento, e Sophie viu algo em seus olhos que parecia ser dor.

— O botão. No livro. Pressione-o novamente e concentre-se em...

Sua voz foi interrompida por outro rugido, mais próximo dessa vez. Sophie sentiu um vento forte soprar pelo portal, puxando livros, papéis e até mesmo o ar ao seu redor. Ela se agarrou a uma mesa, o coração disparado.

— Se você não fechar, eles virão para o seu mundo. E ninguém estará seguro.

A força do vento aumentou, e Sophie viu algo emergindo do vórtice. Sombras escuras, grotescas, que pareciam se contorcer em formas impossíveis, começaram a atravessar

o portal. Seus olhos brilhavam em um tom vermelho-alaranjado, como brasas em um fogo infernal.

— Cuidado! — gritou o homem, tentando alcançá-la, mas o portal o repeliu com um clarão de luz.

O som das sombras era pior que o rugido – era um coro de gritos abafados, como vozes de agonia ecoando em um túnel sem fim. Sophie sentiu suas pernas tremerem, mas algo dentro dela se recusava a desistir.

Ela olhou para o livro, que havia caído ao chão. O botão de cristal ainda brilhava, pulsando como um coração.

— Eu... eu consigo fazer isso — disse para si mesma, embora não tivesse certeza.

Sophie se lançou para o livro no momento em que uma das sombras se aproximou dela. Ela sentiu o ar gelar ao seu redor, como se a própria luz estivesse sendo drenada. Com as mãos trêmulas, pressionou o botão novamente.

O portal começou a piscar, mas as sombras não pararam. O homem do outro lado gritou algo, mas sua voz foi abafada pelo som crescente do vórtice. Sophie fechou os olhos, tentando ignorar o medo que tomava conta de seu corpo.

Ela concentrou-se na imagem do portal fechando, na luz desaparecendo e na biblioteca voltando ao normal. Por um momento, parecia que nada estava acontecendo. Então, uma explosão de energia sacudiu a sala.

Sophie foi jogada contra uma estante, caindo no chão com força. O som cessou, e quando abriu os olhos, tudo estava escuro.

Ela piscou algumas vezes, ajustando-se à escuridão. O portal havia desaparecido. O arco de pedra ainda estava lá, mas agora estava vazio, como se nunca tivesse contido nada. O livro jazia ao seu lado, suas páginas em branco.

— O que foi isso...? — sussurrou para si mesma, tentando se levantar.

Ela mal teve tempo de processar o que aconteceu antes de ouvir uma voz atrás de si.

— Você não fechou completamente.

Sophie girou rapidamente, encontrando o homem do portal parado diante dela. Agora, ele parecia muito mais real, como se tivesse atravessado para o lado dela.

— O que você quer dizer com "não fechou completamente"?

Ele a olhou com seriedade.

— Você deixou uma abertura. E agora, eles sabem onde você está.

Sophie sentiu um nó se formar em seu estômago.

— Espera, mas quem são eles? E quem é você...?

— Sombras..... criaturas que se alimentam da luz e do caos. Você os viu. E agora, eles vão procurar por você. — Disse ele encarando seriamente o arco.

— Mas Isso não pode estar acontecendo. Eu só queria organizar livros! — Sophie começou a andar de um lado para o outro, tentando entender a situação.

— Bem-vinda ao seu destino — disse ele, cruzando os braços.

— Destino? Eu não pedi por isso!

O homem deu um passo à frente, sua expressão mais suave.

— Eu sei que parece injusto, mas não temos tempo. O portal está temporariamente adormecido, mas não por muito tempo. Precisamos encontrar uma forma de fechar a conexão de vez, ou não apenas este mundo, mas todos os outros estarão em perigo.

Sophie olhou para ele, tentando decidir se podia confiar naquele estranho.

— Eu... eu me chamo Sophie — ela se apresentou, quase em um sussurro.

Ele a encarou antes de responder.

— Prazer Sophie.

Ele suspirou, passando a mão pelos cabelos. Por um momento, parecia exausto, como se carregasse o peso de um mundo inteiro nos ombros.

— Não temos tempo. O portal está fechado, mas não por muito tempo. E as sombras... — Ele fez uma pausa, olhando para o arco vazio. — Elas sentem o cheiro da sua energia.

Sophie recuou um passo.

— Cheiro? Do que você está falando?

— Você é uma anomalia para elas — respondeu ele, virando-se para encará-la. — Sua presença abriu o portal. Isso significa que você tem uma conexão com o Entre, mesmo que não saiba disso.

Sophie sentiu uma onda de calor subir pelo rosto.

— Então é isso? Você está dizendo que isso tudo é culpa minha?

— Culpa não é a palavra certa. Mas, sim, sua presença também os atraiu.

Antes que ela pudesse retrucar, o som de um objeto caindo interrompeu a conversa. Sophie virou a cabeça rapidamente, procurando a origem do ruído. O silêncio que se seguiu foi denso, como se o próprio ar estivesse segurando a respiração.

— O que foi isso? — perguntou ela, tentando manter a calma.

O homem olhou ao redor, os olhos brilhando com uma intensidade sobrenatural.

— Eles ainda não estão aqui... mas há uma ruptura no equilíbrio. Coisas pequenas podem começar a atravessar.

— Coisas pequenas? Como o quê? — Sophie sentiu seu coração acelerar.

— Não se preocupe com isso agora — respondeu ele. — Precisamos sair daqui.

O homem estendeu a mão, mas Sophie hesitou.

— Para onde? Este é o único lugar que eu conheço!

— E é o lugar onde eles te encontrarão.

Ela olhou para o livro caído no chão, agora completamente em branco. Toda a energia que ele parecia conter havia desaparecido. Sophie sentiu como se estivesse deixando algo importante para trás, mesmo sem entender o quê.

— Tudo bem — disse ela finalmente, pegando o casaco que estava sobre a cadeira próxima. — Mas você me deve mais explicações.

Ele acenou com a cabeça e caminhou em direção à porta. Sophie o seguiu, embora seu instinto lhe dissesse que talvez fosse mais seguro ficar ali.

O ar frio da noite atingiu Sophie como uma onda ao sair da biblioteca. A cidade de Windmere parecia diferente – mais silenciosa, mais escura. Era como se algo tivesse sugado a vida das ruas.

— Para onde exatamente estamos indo? — perguntou ela, tentando acompanhar os passos rápidos do homem.

— Para um lugar seguro — respondeu ele sem olhar para trás.

Sophie bufou, irritada com a falta de respostas diretas.

— Certo, "lugar seguro". Isso me diz muito. Você vai me contar quem você é de verdade?

O homem parou abruptamente, virando-se para ela. Por um momento, Sophie viu algo em seus olhos que parecia... pesar.

— Meu nome é Elias. Sou o Guardião do Portal. Minha função é garantir que ele permaneça fechado.

— E você está fazendo um trabalho excelente — disse ela, sarcástica, mas arrependeu-se ao ver a expressão dele endurecer.

— Ele esteve selado por mais de 300 anos. Até agora.

As palavras pairaram no ar entre eles, e Sophie sentiu um frio percorrer sua espinha.

— Três séculos? Você está dizendo que tem...

— Não importa quantos anos eu tenho. O que importa é que o portal foi aberto, e isso despertou coisas que não deveriam existir neste mundo.

Sophie engoliu em seco, tentando absorver aquilo. Mas antes que pudesse perguntar mais, um som estranho interrompeu seus pensamentos. Era um chiado baixo, seguido por algo que parecia... arranhões.

Elias parou, levantando uma mão para que Sophie ficasse quieta.

— O que foi isso? — ela sussurrou.

Ele não respondeu, apenas olhou ao redor, com os músculos tensos. O som vinha de um beco próximo. Sophie apertou o casaco ao redor do corpo, sentindo-se exposta sob a luz fraca dos postes.

— Fique atrás de mim — disse Elias, avançando lentamente em direção ao beco.

Sophie queria argumentar, mas algo em sua voz a fez obedecer. Ela o seguiu, mantendo uma distância segura.

Quando chegaram à entrada do beco, viram a origem do som.

Uma criatura pequena, mas grotesca, estava agachada perto de uma pilha de caixas. Seu corpo parecia feito de sombra sólida, e seus olhos brilhavam em vermelho. Quando percebeu os dois, soltou um rosnado que parecia vir de outro mundo.

— O que é isso? — Sophie perguntou, a voz tremendo.

— Um fragmento das sombras. — Elias estreitou os olhos, preparando-se. — Elas enviam batedores antes de atravessarem completamente.

— E o que fazemos com ele?

— Você não faz nada. Eu cuido disso.

Antes que Sophie pudesse protestar, Elias avançou. Ele moveu a mão em um gesto rápido, e uma luz intensa surgiu de seus dedos, envolvendo a criatura. O grito que ela soltou era agudo e ensurdecedor, mas durou apenas um instante antes de desaparecer completamente.

Sophie ficou paralisada, olhando para o vazio onde a criatura estivera.

— Como... como você fez isso?

Elias virou-se para ela, sua expressão séria.

— Precisamos continuar. Isso foi apenas o começo.

Sophie sentiu o chão balançar sob seus pés. Apenas o começo.

Sophie não conseguia tirar os olhos de Elias enquanto caminhavam pelas ruas desertas de Windmere. Ele andava com uma postura firme, sempre olhando para frente, como se esperasse que algo surgisse a qualquer momento. Apesar de estar exausta, ela se forçava a acompanhar seu ritmo.

— Você ainda não me disse para onde estamos indo — disse Sophie, ofegante.

— Há um lugar fora do alcance das sombras — respondeu Elias, sem olhar para trás. — Pelo menos, por enquanto.

— E você espera que eu acredite nisso? Depois de tudo que aconteceu na última hora?

Ele parou abruptamente e se virou, a expressão séria.

— Sophie, você está em perigo. O mundo que você conhecia não é mais o mesmo. Se quiser sobreviver, vai ter que acreditar em mim.

Ela cruzou os braços, encarando-o.

— Certo. Vamos fingir que eu acredito em você. Como exatamente eu me tornei a pessoa que essas... coisas estão perseguindo?

Elias desviou o olhar, como se estivesse decidindo quanto deveria dizer.

— Não tenho todas as respostas — admitiu ele, para sua surpresa. — Mas há uma coisa que sei. O portal nunca se abre sozinho.

— Então você acha que *eu* o abri.

— Você não sabia o que estava fazendo. Mas algo dentro de você o despertou.

Sophie ficou em silêncio. Algo dentro dela? Não fazia sentido. Ela era só uma garota comum, uma bibliotecária em uma cidade pequena. Não havia nada especial nela.

— Você está enganado — murmurou.

— Estou? — Elias ergueu uma sobrancelha. — Você pressionou aquele botão porque algo o chamou. Não foi só curiosidade.

Ela abriu a boca para protestar, mas parou. Ele estava certo. No fundo, ela sabia. Desde que havia visto aquele livro, sentira uma atração inexplicável. Era como se tivesse sido guiada até ele.

Antes que pudesse responder, um som abafado ecoou pela rua. Um calafrio percorreu sua espinha.

— O que foi isso?

Elias colocou um dedo nos lábios, indicando que ela ficasse em silêncio. Ele virou a cabeça lentamente, seus olhos brilhando levemente sob a luz fraca do poste.

O som veio novamente, mais alto desta vez. Era um barulho baixo e constante, como o de um animal rastejando sobre concreto. Sophie tentou identificar a direção, mas a escuridão ao seu redor parecia viva, pulsante.

— Fique perto de mim — sussurrou Elias.

Sophie obedeceu, mas seu coração martelava no peito. Do canto do olho, viu algo se mover. Uma forma indistinta, grande, mas rápida demais para identificar.

— Elias...

— Eu sei.

Ele deu um passo à frente, ficando entre Sophie e a escuridão.

— Mostre-se — disse ele, sua voz firme.

Por um momento, tudo ficou em silêncio. Então, a criatura emergiu das sombras.

Era maior do que a anterior, com um corpo que parecia feito de fumaça sólida. Seus olhos eram duas esferas incandescentes, e garras compridas brilhavam sob a pouca luz. Quando abriu a boca, um som horrível escapou – um misto de grito e rosnado que fez Sophie recuar instintivamente.

— Isso é... horrível — murmurou ela, a voz tremendo.

— Não olhe diretamente para os olhos dela — disse Elias, sem tirar os seus da criatura. — Elas usam isso para invadir sua mente.

— Invadir minha...? O que isso quer dizer?

— Apenas não faça isso!

Elias levantou a mão, e uma luz intensa se formou ao redor de seus dedos, iluminando o beco como se fosse dia. A criatura recuou, soltando outro grito, mas não desapareceu.

— Sophie, fique atrás de mim.

— Você já disse isso!

Ela se abaixou, procurando algo no chão para usar como arma. Seus dedos tocaram um pedaço de metal – provavelmente parte de uma cerca caída – e ela o agarrou, segurando-o com força.

Elias atacou primeiro. Ele lançou a luz em direção à criatura, que desviou no último segundo, movendo-se

como uma onda de fumaça. Sophie viu quando ela se lançou contra Elias, suas garras atingindo o ar onde ele estivera momentos antes. Ele desviou habilmente, mas Sophie percebeu que ele não era tão invencível quanto parecia.

A luta durou poucos minutos, mas para Sophie, pareceu uma eternidade. Finalmente, Elias conseguiu acertar a criatura com um feixe de luz tão forte que ela se desintegrou em cinzas.

O silêncio voltou à rua. Elias respirava com dificuldade, mas parecia aliviado.

— Você está bem? — perguntou ele, virando-se para Sophie.

Ela balançou a cabeça, sem palavras.

— Precisamos continuar. Essas criaturas estão ficando mais fortes.

Sophie assentiu, mas uma pergunta a atormentava.

— Por que você pode lutar com elas? E o que foi aquilo que você usou?

Elias hesitou antes de responder.

— Meu papel como guardião me dá acesso a certos... dons. Mas eles têm um custo.

— Que tipo de custo?

Ele não respondeu. Apenas começou a andar novamente, indicando que ela o seguisse.

Cerca de vinte minutos depois, chegaram à floresta.

Ela o observava enquanto ele caminhava à sua frente, pensando em todas as perguntas que ainda não haviam sido respondidas.

— Elias... O que você realmente sabe sobre mim?

Ele parou, olhando para ela.

— Sei que você não é tão comum quanto pensa ser.

— Isso não ajuda.

— Sei que sinto que você é importante para o Entre.

— Para o Entre?

— O Entre é o mundo onde aprisionamos as sombras, ele é acessado através do portal, existem mais portais espalhados pelo mundo com seus guardiões.

Sophie olhou para Elias enquanto imaginava o quão complexo aquilo tudo era, talvez mais do que parecia.

Capítulo 2: O Guardião do Portal

Apesar de estar fisicamente exausta, Sophie sentia sua mente agitada, cheia de perguntas e medo. O que exatamente estava acontecendo com sua vida? Era difícil acreditar que, poucas horas atrás, tudo o que ela fazia era catalogar livros.

Elias estava segurando um mapa desbotado que havia retirado de um de seus bolsos. Ele murmurava algo para si mesmo, enquanto analisava o mapa que pressionava contra o tronco de uma árvore e marcava pontos com uma faca curta, cujas bordas brilhavam com uma luz fraca que iluminava a folha e o local onde estavam.

— Você vai ficar em silêncio assim a noite toda? — perguntou Sophie, incapaz de suportar a tensão.

Ele ergueu o olhar por um momento, franzindo a testa.

— Estou tentando traçar os possíveis pontos de ruptura — respondeu ele.

— Ruptura?

Elias suspirou, inclinando-se para trás.

— O portal que você abriu não é a única entrada. Existem várias, todas conectadas ao Entre. Quando um portal se enfraquece, as outras entradas começam a se desestabilizar também.

— E o que isso significa?

— Que as sombras podem estar surgindo em outros lugares além daqui.

Sophie arregalou os olhos.

— Então isso é maior do que eu imaginava.

Elias assentiu lentamente.

— Muito maior.

Ela cruzou os braços, tentando assimilar a gravidade da situação.

— Mas por que eu? Por que tudo isso começou comigo?

Ele hesitou, como se estivesse escolhendo as palavras com cuidado.

— Há algo em você que chama a atenção do portal. Não sei exatamente o que é, mas sua conexão com o Entre é mais forte do que qualquer outra que eu já vi.

— Você fala como se eu fosse... sei lá, especial ou algo assim.

— Talvez você seja.

A resposta simples deixou Sophie inquieta. Ela não queria ser especial, não da maneira que ele estava sugerindo.

Especial significava perigo. Especial significava responsabilidade.

Antes que ela pudesse responder, um som baixo e constante começou a ecoar pela floresta. Elias ficou tenso imediatamente, pegando sua adaga brilhante e olhando ao redor.

— O que foi isso? — perguntou Sophie.

— Fique onde está — disse ele, movendo-se em uma direção.

O som cresceu, transformando-se em algo semelhante a passos, mas mais arrastados, como se algo estivesse deslizando pela terra.

— É uma delas? — Sophie perguntou, aproximando-se.

Ele fez um gesto para que ela ficasse em silêncio.

Então surgiu uma sombra, maior do que as outras. Seu corpo parecia feito de escuridão líquida, constantemente mudando de forma. Emitindo um coro de vozes abafadas que pareciam chorar, gritar e sussurrar ao mesmo tempo.

— Não se mova — murmurou Elias, sua voz baixa, mas cheia de comando.

Sophie sentiu um nó se formar em sua garganta. A criatura se aproximava mais e mais, mas parou a poucos metros deles, como se estivesse hesitando.